

## EXCERTOS DA GEOGRAFIA SOMALI NA LITERATURA: UMA APRECIÇÃO DA OBRA “O POMAR DAS ALMAS PERDIDAS”

Paulo Roberto Baqueiro Brandão<sup>1</sup>

**Resumo:** Este escrito propõe um debate sobre (a) as questões territoriais da Somália como Estado soberano e (b) as questões geopolíticas que envolveram tal país no contexto da Guerra Fria, a partir da interpretação de excertos da obra “O pomar das almas perdidas”, escrito por Nadifa Mohamed (2016). O romance tem como pano de fundo o início do processo de desintegração político-institucional, econômica e social da Somália na perspectiva de três mulheres, moradoras – em condições absolutamente distintas – de Hargeisa. Desta forma, neste texto almeja-se um encontro entre a ciência geográfica e a arte literária, permitindo que o fluxo gerado pelo diálogo entre ambas as formas de expressão do conhecimento humano faça emergir uma compreensão das questões territoriais e do contexto geopolítico da Somália na segunda metade do século XX.

**Palavras-chaves:** Somália; Território; Geopolítica; Literatura.

## EXCERPTS OF THE SOMALI GEOGRAPHY IN LITERATURE: AN APPRECIATION OF THE NOVEL “THE OCHARD OF LOST SOULS”

**Abstract:** This text proposes a debate over (a) the territorial questions of Somalia as a sovereign state and (b) the geopolitical questions that involved that country in the context of the cold war, from the interpretation of excerpts of the novel “The orchard of lost souls”, from Nadifa Mohamed (2016). The romance has as background the beginning of the process of political-institutional dissolution, economic and social of Somalia in the perspective of three women, living in Somalia – in absolutely different conditions – from Hargeisa. In this text, seeks a meeting between geographical science and the literary art, allowing that the flux generated by the dialogue between both forms of expression of human knowledge generate a comprehension of the territorial questions and the geopolitical context of Somalia in the second half of the 20th century.

**Keywords:** Somalia; Territory; Geopolitics; Literature.

## FRAGMENTOS DE LA GEOGRAFÍA SOMALÍ EN LA LITERATURA: UNA EVALUACIÓN DE LA OBRA “LA HUERTA DE LAS ALMAS PERDIDAS”

**Resumen:** Este artículo se propone a un debate sobre (a) las cuestiones territoriales de Somalia como un Estado soberano y (b) las cuestiones geopolíticas que implican ese país en el contexto de la Guerra Fría, a partir de la interpretación de la obra “La huerta de las almas

---

<sup>1</sup> Professor Adjunto II. Curso de Geografia e Programa de Pós-graduação em Ciências Ambientais. Doutor em Geografia pela Universidade Federal de Pernambuco. Email: paulo.baqueiro@ufob.edu.br

perdidas”, de Nadifa Mohamed (2016). La novela tiene como fondo de la historia el inicio del proceso de desintegración política e institucional, económica y social de Somalia en la perspectiva de tres mujeres, que viven - en condiciones absolutamente diferentes - en la ciudad de Hargeisa. Por lo tanto, este escrito pretende ser un encuentro entre la ciencia geográfica y el arte literario, permitiendo que el flujo generado por el diálogo entre esas dos formas de expresión del conocimiento humano, haga desarrollar saberes territoriales y sobre el contexto geopolítico de Somalia en la segunda mitad del siglo XX.

**Palabras claves:** Somalia; Territorio; Geopolítica; Literatura.

## Introdução

Que tipo de geografias se pode deprender de uma obra literária que aborda a vida de três mulheres durante o início de um período de profunda instabilidade política na Somália, um dos mais pobres países de África? Como interpretar o conteúdo geográfico contido na narrativa sem cair na superficialidade e preconceitos com os quais os assuntos relativos ao continente africano são tratados amiúde? Mais: é possível, por meio dessa mesma obra, identificar os contornos geopolíticos que substantivam o processo em tela e que traduzem, de forma dramática, as transformações no transcurso da história a partir de meados da década de 1980?

Os desafios aqui colocados evocam, na verdade, os objetivos que sobejassem à análise, por uma lente geográfica, da obra “O pomar das almas perdidas”, de Nadifa Mohamed (2016). Assim, este ensaio propõe um debate sobre (a) as questões territoriais da Somália como Estado soberano e (b) as questões geopolíticas que envolveram tal país no contexto da Guerra Fria, a partir da interpretação de excertos da obra citada.

O romance tem como pano de fundo (ou, talvez, o seu próprio fio condutor) o início do processo de desintegração político-institucional, econômica e social da Somália na perspectiva dessas três mulheres, moradoras - em condições absolutamente distintas - de Hargeisa, antes segunda maior cidade da Somália, atual capital da Somalilândia, um território declarado independente em 1991, mas ainda carente de reconhecimento internacional.

Há tempos a Literatura fornece à Geografia possibilidades de interpretação dos espaços reportados nas narrativas. Desde a década de 1940, por exemplo, geógrafos franceses recorriam a obras literárias com o propósito de extrair os aspectos geográficos contidos nos romances (OLANDA e ALMEIDA, 2008). Claval (1999, p. 55), por sua vez, crê que, graças à “intuição sutil dos romancistas”, o texto literário pode se converter em um documento de interesse geográfico ao permitir uma compreensão da região ou lugar pelos olhos da personagem.

Neste sentido, sendo a Geografia uma das formas de interpretação do espaço, cujo ato de “ler” pode ser feito, também, por meio do discurso literário (PINHEIRO e SILVA, 2004), há que se considerar o romance como uma fonte segura para o trabalho do geógrafo. Assim, conforme afirmam os autores mencionados:

Enganam-se (...) os que pensam que a literatura de ficção implica a criação de um mundo apenas imaginado. O imaginado ou o imaginário, na verdade, é construído a partir de elementos da realidade, ressignificados e transpostos para um contexto imaginário, ou ainda de elementos imaginários sobrepostos no real (Idem, p. 23).

No escrito ora apresentado, este autor almeja um encontro nada pretencioso entre a ciência geográfica e a arte literária, permitindo que o fluxo gerado pelo diálogo entre ambas as formas de expressão do conhecimento humano faça emergir uma compreensão da formação territorial e do contexto geopolítico que marcam a história da Somália na segunda metade do século XX. Desta forma, busca-se, ao menos como ensaio, fazer a Geografia flertando com o mundo encantado da Arte.

### **“Um país diferente”: breves ponderações sobre “O pomar das almas perdidas”**

Em quase trezentas páginas, a narrativa de “O pomar das almas perdidas” se desenrola por meio das histórias, ora entrecruzadas, ora isoladas, de Deqo, uma criança de nove anos que, por uma sequência de tristes casualidades, escapa de Saba’ad, um campo de refugiados onde vivia desde o nascimento; Kawsar, uma viúva de quase sessenta anos, desiludida pela perda prematura da única filha para a violência do regime de Siad Barre (chamado sempre de Oodweyne); e Filsan, uma obstinada militar das Forças Armadas somalis, de cerca de trinta anos, crente no regime ao qual serve e nos propósitos dos seus líderes.

A primeira parte do livro apresenta ao leitor essas três personagens e os fatos que inicialmente as aproximam. Tais situações tem como pano de fundo os contextos socioeconômicos, políticos e culturais da Somália sob um regime ditatorial que ascendeu ao poder menos de uma década após a independência, ao tempo em que situa o contexto geopolítico no qual o país busca se inserir diante da mudança de estratégia das superpotências da Guerra Fria na região e das incertezas provocadas pela iminente derrocada da União Soviética.

Ainda nessa primeira parte do romance, ao fazer convergir as histórias das personagens à da própria Somália, Mohamed acaba por estabelecer uma periodização que se inicia com a narração de fatos relativos à independência nacional, em 1960, e tem seu

encerramento em meados da década de 1980, quando a autora aborda, na trama, as ações que marcam o prenúncio da guerra civil que mergulhou o país em uma catástrofe humanitária. Entre ambos os eventos, é preciso destacar, há menções à Guerra de Ogaden, um palco de ação das superpotências do período da Guerra Fria que opôs Somália e Etiópia, tendo gerado grandes perdas materiais e humanas aos países envolvidos.

Além disso, nesse trecho da obra (mas não apenas aí), a autora faz diversas referências a dois aspectos que valem a pena lançar um olhar mais apurado: (a) as características físico-ambientais da Somália e (b) as diferenças culturais e urbanísticas entre Hargeisa e Mogadíchio, a distante capital do país, dando ao leitor não apenas uma noção da paisagem com a qual as personagens convivem e interagem, mas também das diferenciações e desigualdades existentes no país. Para além da mera descrição, a interpretação da paisagem como componente do universo das personagens pode revelar sentimentos e convicções, como a “defesa de determinados valores identitários de uma nação, que via em sua natureza a diferença necessária em relação a outros valores culturais” (ALVES, 2013, p. 186).

A segunda parte da obra está dividida em três capítulos dedicados, cada um deles, à apresentação das personagens em uma perspectiva mais intimista, situando a narrativa no tempo presente de então, ou seja, a partir dos episódios que se desenrolaram na seção anterior. Contudo, as constantes recordações de aspectos marcantes das vidas pregressas de cada uma delas permitem ao leitor aprofundar-se nas temporalidades de suas histórias e em suas personalidades.

Deqo, de nove anos, se viu obrigada a viver nas ruas de Hargeisa após ter sido espancada – por Filsan e um grupo de guardas civis – e fugir de uma comemoração cívica – com a ajuda de Kawsar – por não ter realizado uma dança, após ter sido convocada para participar do evento fora do campo de refugiados onde vivera por toda a sua existência. A vida nas ruas, as estratégias de sobrevivência para alimentar-se, dormir e manter-se distante de perigos, a passagem pela prisão e o afloramento de uma primeira percepção do que é uma família no pequeno prostíbulo onde fora acolhida, são passagens da vida da personagem relatadas no capítulo que lhe é dedicado.

A trama revela, ainda neste capítulo, o crescente descontentamento popular com a ditadura, que fica patente na passagem em que Deqo é presa, por engano, junto a um grupo de estudantes em protesto, além da escalada de repressão e violência que o governo passa a imprimir como reação ao constante avanço das forças rebeldes, que se opõem ao regime, evidenciado pela autora em trechos como o que segue:

A apenas alguns passos da loja de teto de zinco, a atenção de Deqo se desvia do céu azul rasgado por trilhas de vapor para a rua, (...), enquanto dezenas de jovens e meninos passam em disparada por ela. Eles são perseguidos por soldados em vários veículos. (MOHAMED, 2016, p. 92-93).

Mais adiante, em conversa entre Deqo e Narsa, uma personagem secundária, vem à tona o motivo da perseguição de soldados aos jovens e crianças:

- Para onde os soldados vão levar aqueles meninos? – pergunta Deqo, de olhos fechados.
- Pro Sul, pra serem treinados pro exército (Idem, p. 95).

Ademais, a presença militar em Hergeisa foi se tornando cada vez mais ostensiva, sendo notada, inclusive, pela esperta criança, dada a intensidade de mudanças no seu cotidiano de faxineira do prostíbulo onde foi acolhida:

O ano novo traz novos clientes – soldados, muitos; (...). Não impedidos pelo toque de recolher, eles chegam à meia-noite e partem antes do amanhecer.  
(...)

As mulheres dormem o dia inteiro, exaustas, enquanto Deqo faz a faxina. Os velhos clientes não vêm, com medo dos soldados, e ela sente falta do asseio deles. É difícil dormir quando há música a noite inteira e passos a alguns centímetros da cabeça, mas o que realmente a incomoda são as vozes: por que homens falam tão alto? (...). Declaram a cada semana que aviões e artilharia e escavadeiras estão a caminho de Hergeisa (...) (p. 105).

O capítulo dedicado a Kawsar tem início quando do seu internamento em hospital, após ter o quadril e a bacia quebrados em decorrência de agressões sofridas por Filsan na cadeia. Após ser retirada do centro médico por um grupo de amigas, a viúva de meia-idade sobrevive enclausurada em seu bangalô, presa à cama, onde passa o tempo entre reminiscências familiares, delírios, brigas com a sua acompanhante e sob forte apreensão diante das mudanças que se avizinham e cuja percepção se amplia dia após dia:

O rádio está ligado no volume mais baixo, e a estação do governo fala de tentativas de parar a desertificação em torno da região de Banaadir, das visitas gentis do presidente a potentados estrangeiros, dos mecanismos regulares e meticulosos de uma Estado em paz; o canal rebelde (...) relata os acontecimentos em um país diferente, no qual os reservatórios de águas estão destruídos, armas estrangeiras são usadas contra nômades desarmados e prisões são atacadas para libertar inocentes (MOHAMED, 2016, p. 175).

Nas páginas que seguem, a autora aborda o transcorrer lento e tedioso dos dias da mulher convalescente, que é entremeado pelos momentos de escuta da rádio rebelde, cuja transmissão cada vez mais audível denota a aproximação dos grupos sublevados, a repentina fuga da amiga Dahabo, com sua família, para a Arábia Saudita e, enfim, os combates entre

tropas rebeldes e governistas, que precipitam ataques de tanques e caças oficiais à cidade de Hargeisa.

O terceiro capítulo da segunda parte de “O pomar das almas perdidas” expõe aspectos da vida de Filsan Adan Ali, cabo do exército somali, cuja vida se resume às tentativas de impressionar o pai ausente e autoritário, à devoção ao regime, para o qual executa suas obrigações com primor, e à sublimação dos desejos de uma mulher comum. Ter conhecido o Capitão Yasin permitiu a Filsan participar de missões de busca aos rebeldes e iniciar um flerte com o jovem oficial com quem dividia tarefas delegadas pelo Tribunal Militar Itinerante, órgão onde passou a atuar.

A sequência de fatos descritos no capítulo evidencia a intensificação do cerco à cidade de Hargeisa pelos rebeldes e a contraofensiva do exército somali, que atua em diversas frentes, como a destruição de localidades cujos moradores são considerados apoiadores dos bandos sublevados, a cooptação de civis e sua conversão em milicianos pró-governo e os trabalhos de inteligência, que incluem violentos interrogatórios e análises de relatórios sobre as atividades de pessoas e grupos. O acosso de membros fortemente armados de uma das facções inimigas a Filsan em uma rua aparentemente segura da cidade marca o fim do capítulo.

A terceira parte do livro – que corresponde ao desfecho da trama – marca o reencontro das três personagens em meio ao acirramento dos conflitos que acabaram por resultar na deflagração da guerra civil na Somália. Entre perdas pessoais e desilusões que encaminham reviravoltas nas vidas de Deqo, Kawsar e Filsan, as forças rebeldes avançam de forma definitiva sobre Hargeisa e os combates com o exército oficial decretam o caos que perduraria por anos.

No entanto, em um quadro de desesperança coletiva, emerge, da ajuda mútua dessas três mulheres, a possibilidade para cada uma delas ter, juntas, um recomeço. Seria esse um devir que a própria sociedade somali ainda busca.

### **“Pergunte à bandeira”: questões territoriais da Somália**

Localizada no que se convencionou denominar de Chifre da África, a Somália é o país mais oriental do continente, e, por seu litoral em parte disposto ao longo do Oceano Índico e em parte projetado em direção ao Golfo de Aden, desde tempos remotos, é estratégico à navegação marítima e interesses geopolíticos (Figura 1).

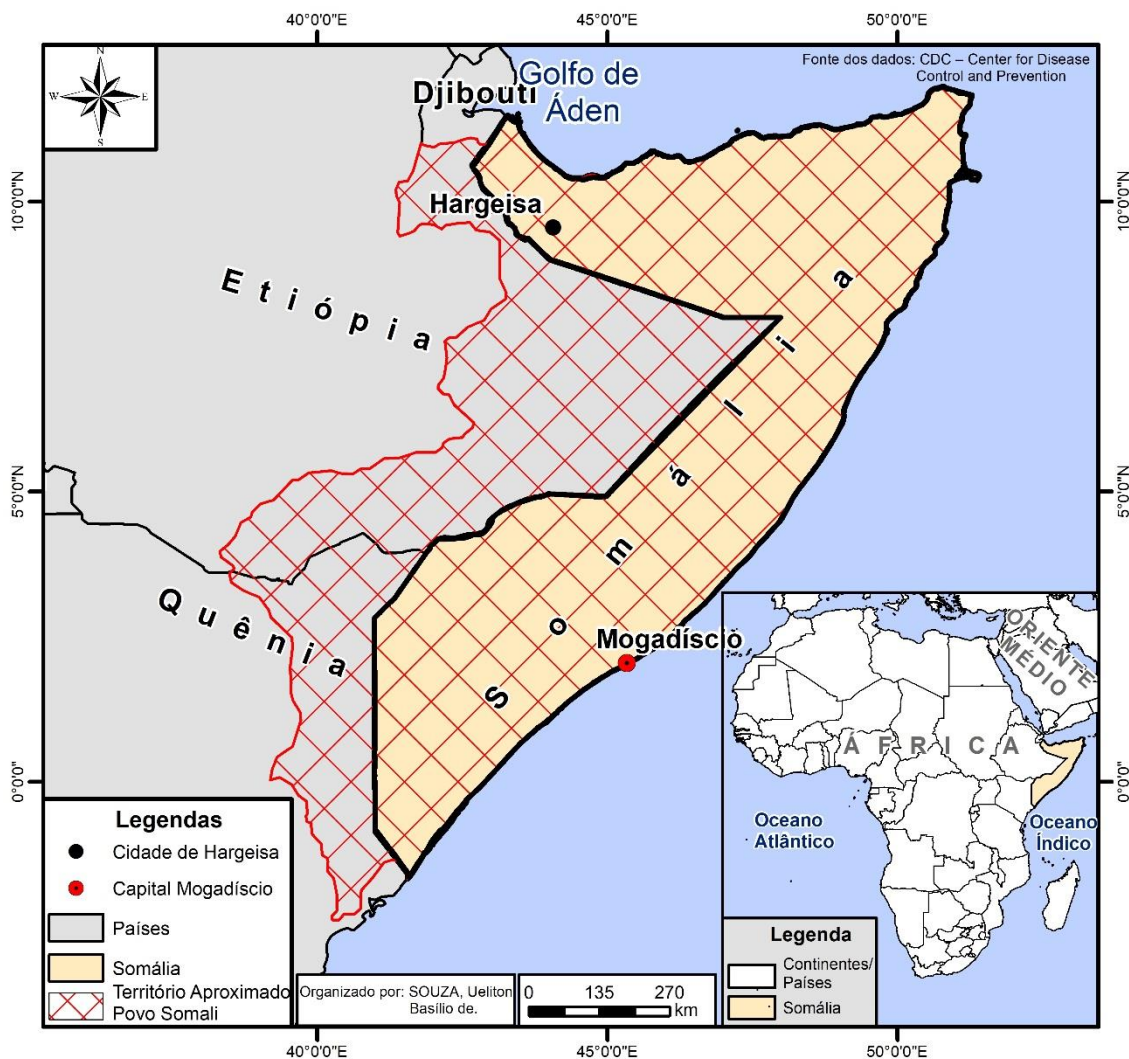


Figura 1. Localização da Somália e Chifre da África.

Não por outro motivo, em finais do século XIX, a Somália se tornou alvo de interesses de França, Grã-Bretanha, Itália e Etiópia, este último sendo o país que, então, era o único independente em toda África. Assim, no processo de partilha, o centro-sul da Somália ficou sob domínio italiano, o norte foi transformado em colônia britânica (Somalilândia) e, a oeste desta, coube à França administrar (Somalilândia Francesa, atual Djibouti). Segundo Gentili (2012, p. 231):

*Con el reparto, los territorios habitados por poblaciones de etnia somali vinieron a quedar subdivididos en cinco entidades diferentes. Yibuti pasó a ser colonia francesa; el protectorado de la Somalia Británica estableció sus fronteras por medio de un tratado anglo-etíope, que dejaba al imperio etíope buena parte de las tierras preponderantemente habitadas por clanes de pastores somali; otra porción de territorio quedó bajo administración italiana, y otra más constituyó la región septentrional de Kenia. Italia ya ocupaba, oficialmente desde 1890, la colonia de Eritrea, y en 1936 invadiría*

*Etiópia y haría de ella el centro del África Oriental Italiana, compuesta hasta la derrota de 1941 y la ocupación de las colonias por tropas británicas por las gobernaciones de Etiópia, Eritrea y Somalia.*

A administração metropolitana gerou desagregação de um modelo político baseado em clãs e comunidades cujas relações eram reguladas por contratos sociais que mesclavam concepções ancestrais às leis islâmicas. A ausência de um Estado moderno era compensada por uma força aglutinadora estabelecida por laços de aproximação étnica e religiosa: a quase totalidade da sociedade pré-colonial provinha da etnia somali e professava o islamismo (FAGUNDES, 2011; STREZELESKI, 2015).

No entanto, com base na fé islâmica, entre as décadas de 1900 e 1920, foram deflagradas as primeiras reações anti-imperialistas, bem como à influência etíope na região. Sayyid Mohammed Abdulle Hassan arregimentou um exército de cerca de 12 mil homens de diversos clãs que visava combater o poderio das potências coloniais e do rival vizinho. Tal feito, sem sucesso prático no que tange à independência somali, foi a força motriz para a criação de um movimento nacionalista até hoje orientado pelo exemplo de Sayyid (ESCALONA, 2011).

As décadas seguintes foram marcadas pelo crescente descontentamento do povo colonizado em relação às administrações metropolitanas da Itália e Grã-Bretanha, o que deu vazão às aspirações independentistas baseadas, principalmente, na criação da Grande Somália, um país a ser formado pela junção dos protetorados coloniais italiano, britânico e francês, mas também por partes dos territórios do Quênia, Etiópia e o atual Djibouti (STREZELESKI, Idem).

Na obra de Mohamed, uma primeira referência à independência é feita em um momento de divagação de Kawsar, quando emergem, na personagem, as lembranças da comoção popular que se seguiu ao fim da colonização na Somália:

Quando os britânicos partiram, em junho de 1960, todos tinham saído de casa em suas melhores roupas e se reunido no *khayriyo* municipal, entre o banco nacional e a prisão. Era como se estivessem bêbados, descontrolados; as moças engravidaram naquela noite, e, quando lhes perguntavam quem era o pai da criança, respondiam: “Pergunte à bandeira”. Naquela noite, esmagada pela multidão enquanto a bandeira somali era hasteada pela primeira vez, Kawsar perdeu um comprido brinco de ouro que fazia parte do seu dote, mas Farah não se importou – disse que era um presente para a nova nação (MOHAMED, 2016, p. 18).

De fato, em junho de 1960, a Somalilândia Britânica foi declarada independente, feito seguido, dias mais tarde, pela Somália Italiana, cujas lideranças resolveram pela imediata



fusão entre os dois Estados nascentes. Não tendo logrado sucesso no intento de criação da Grande Somália, seus próceres transformaram tal reivindicação em um projeto político de tamanha importância que a bandeira nacional tem na estrela branca de cinco pontas que repousa no centro de um campo azul celeste a representação dos territórios com presença histórica do povo somali: Distrito Norte do Quênia, províncias etíopes de Haud e Ogaden, Somália francesa, britânica e italiana (CHENNTOUF, 2010; CARDOSO, 2012).

Ainda por meio das elucubrações solitárias da personagem Kawsar, N. Mohamed denota toda a angústia de quem substituiu a esperança que se sucedeu à independência por uma forte frustração causada pelos desígnios políticos ensejados pela bandeira nacional:

Era a estrela que causava toda a aflição: aquela estrela de cinco pontas, cada uma delas representante de uma parte da pátria somali, tinha levado o país à guerra com o Quênia e depois com a Etiópia, tinha alimentado um desejo ruinoso de recuperar território que havia sido perdido fazia muito tempo (2016, p. 19).

A independência não significou, no entanto, a conquista plena da soberania. Em outro trecho da obra literária, N. Mohamed expõe as dificuldades que assolaram a Somália logo após a independência e que acabaram por contribuir para manter relações de subordinação a interesses externos:

Nos anos 1960, a enchente que Kawsar viveu no extremo sul parecia um castigo divino: a profundidade da água fez submergir palmeiras, minaretes e postes de telégrafo, e ali nadavam crocodilos, cobras-d'água e famílias inteiras de hipopótamos irritados. (...). Essa foi a primeira vez que o jovem país teve necessidade de mendigar aos ex-governantes coloniais, e desde então o governo não parou de pedir; em inundações e períodos de fome, de tratores a máquinas de raios X, esteiras de prece voltavam-se para o Ocidente e joelhos dobravam-se em súplica (2016, p. 167).

Em seguida, a autora arremata:

Desde a partida dos italianos e britânicos, o país parecia sitiado por dificuldades, fossem naturais, fossem econômicas e políticas. Os europeus deviam ter deixado uma maldição profunda quando foram embora, despertando em sua esteira *jims* mortos havia muito tempo, para transformar tudo em areia e lixo, como Oodweyne (Idem, p. 167).

Assim, conforme afirmado por Adedeji (2010), toda a esperança de transformação econômica que se formou imediatamente após as independências foi frustrada pelas crises que assolaram o continente, gerando, como consequência, diversas revoltas militares e sublevações políticas. Em alguns casos, a ebulição político-institucional veio seguida da implantação de políticas de descolonização econômica de base socialista, processo vivenciado

pela Somália a partir de 1969, quando do triunfo da revolução que levou Said Barre ao poder. Nas palavras de Arcos (2014, p. 636), no período de vigência do regime comandado por Said Barre foi de instabilidade, tensões e conflitos, “*si bien al menos existía algún tipo de control centralizado en el país*”.

Na narrativa, N. Mohamed emprega o ponto de vista de Kawsar para definir da seguinte maneira a ascensão do ditador:

Como o tempo prega suas peças! Eleva anões e estorva gigantes – de que outro modo poderia Farah [marido de Kawsar] estar no chão e Oodweyne no trono? Ele deslizara para o poder quase sem ser percebido depois do assassinato do último presidente eleito, e sua voz, quando aparecia no rádio, era sempre agourenta aos ouvidos dela; transportava-a para aqueles cinco dias de 1969 depois do assassinato do presidente com um tiro disparado por seu guarda-costas, quando a Rádio Hargeisa transmitia sem parar trechos do Corão, as escolas e os escritórios estavam fechados em sinal de luto e ela se recuperava na cama de um de seus abortos espontâneos (2016, p. 168).

No parágrafo seguinte, são relatadas as primeiras transformações da Somália sob a influência soviética, ainda a partir do ponto de vista da personagem de meia-idade:

A surpresa que sentira no sexto dia, quando às nove da manhã confirmou-se de forma eufórica um golpe militar e um novo nome para o país – República Democrática da Somália –, nunca a deixara, estava no fundo de todos os outros acontecimentos desorientantes que se sucederam: a prisão do primeiro-ministro, a extinção do Parlamento e da Constituição, a tomada do país pelo Conselho Revolucionário Supremo, cujo presidente era Oodweyne (Idem, p. 168).

Contudo, em virtude do realinhamento de interesses das superpotências na região do Chifre da África, apenas alguns anos após a ascensão de Said Barre ao poder, ocorreram significativas mudanças nas relações que a União Soviética mantinha com a Somália. Tais vicissitudes, decisivas para a configuração do quadro geopolítico regional a partir de finais da década de 1970, são fartamente relatadas na obra de Nadifa Mohamed, como se verá a seguir.

### **“Retratos desbotaram”: a Somália e a geopolítica da Guerra Fria**

Conforme mencionado por Thiam e Mulira (2010), durante o período denominado de Guerra Fria, o Chifre da África (com a Somália aí incluída) foi convertido em palco privilegiado para a cristalização das rivalidades entre EUA e União Soviética. Em praticamente todos os países do continente, aliás, os processos de independência e, posteriormente, as tentativas de satelitização eram tratados como temas altamente estratégicos no jogo geopolítico protagonizado pelas duas grandes potências que emergiram com o fim da Segunda Guerra Mundial.

Ainda que as primeiras iniciativas de aproximação com os grupos independentistas africanos tenham ocorrido nas décadas de 1920 e 1930, como parte do projeto de “cooperação do jovem Estado soviético a todos os povos colonizados” (THIAM e MULIRA, 2010, p. 965), o apoio do bloco socialista ao anticolonialismo africano se tornou veemente com o findar da Segunda Guerra Mundial e o enfraquecimento das potências coloniais.

No caso dos países da África Oriental e do Chifre da África, Thiam e Mulira (Idem, p. 987) afirmam, tratando primeiro do caso da Somália:

A sua importância estratégica valeu a Somália constituir-se, em 1977, em um dos principais países beneficiários pela ajuda soviética na África, computando um total de 154 milhões de dólares norte-americanos, além de ser classificada no primeiro posto no concernente a assistência militar (181 milhões de dólares norte-americanos), transformando as forças armadas somalis em uma das melhor equipadas da África negra.

No entanto, a instabilidade política e o expansionismo de caráter irredentista praticado por Siad Barre, além da queda do Imperador Haile Selassie e a consequente assunção ao poder de lideranças antiestadunidenses e nacionalistas, levaram à União Soviética a promover apoio sistemático à Etiópia, levando o governo somali a uma aproximação com o eixo pró-Occidente.

Segundo Cohen (2000, p. 199):

*Unfortunately for the Soviets, they read misread the nature of the Somali regime and its foreign policy. Siad Barre's "Marxism" was just as superficial as his predecessor's "democracy". When the Americans were strong allies of his enemy Ethiopia he adopted "scientific socialism" to attract Soviet aid. When the Soviets jumped into bed with Ethiopia's new Marxist ruler Mengistu, they fully expected brotherly solidarity between two socialist neighbors. (...). Siad Barre saw Soviet friendship with Ethiopia as an adulterous betrayal. (...) Siad Barre decided to fall in love with the United States.*

Deste modo, a Etiópia passou a obter dos soviéticos considerável apoio financeiro para o desenvolvimento de projetos econômicos, com destaque para a construção de refinarias, e cooperação técnico-científica, com formação de mais de três mil jovens etíopes em centros de ensino e pesquisa da União Soviética. Na esfera militar, foram fornecidos mais de um bilhão de dólares estadunidenses e a participação direta de mais de 20 mil soldados cubanos durante a Guerra do Ogaden. Assim, “Esta situação permitiu-lhe dotar-se de formidáveis capacidades defensivas contra o seu inimigo, a Somália, assim como, nas suas próprias lutas internas, contra as forças separatistas e os seus inimigos internos” (THIAM e MULIRA, 2010, p. 988).

A Guerra do Ogaden (1977-1978) é considerada como uma materialização das estratégias antagônicas dos Estados Unidos e União Soviética ao longo do período de bipolaridade que marcou a hegemonia de ambos os países em escala planetária. Segundo Thiam e Murila (Idem, p. 996-997) “A maciça ajuda militar acordada a Etiópia e a Somália, pelos países do Pacto de Varsóvia e pelos membros da OTAN, encorajou, efetivamente, os dois estados vizinhos a acertarem as suas contendas no campo de batalha”.

O conflito teve um primeiro momento de vantagem das tropas de Siad Barre e o projeto da Grande Somália pareceu próximo da sua concretização. No entanto, graças ao maciço apoio de uma coalizão formada por União Soviética, Cuba e Iêmen do Sul, o desfecho foi amplamente favorável à Etiópia, que impôs uma fragorosa derrota ao inimigo.

A obra de Nadifa Mohamed (2016) descreve fatos que colocam a descoberto as fraturas deixadas pela Guerra do Ogaden. O conflito somali-etíope é abordado, inicialmente, nas divagações de Filsan, ao fitar, com orgulho, um pelotão prestes a iniciar sua apresentação em uma parada cívica:

Ela faz parte do terceiro maior exército da África, uma força que teria conquistado toda a Etiópia, e não apenas o Ogaden, em 1978, se os russos e cubanos não tivessem mudado de lado (p. 15).

Mais adiante, em uma celebração, Filsan é apresentada pelo General Haaruun, governador militar da região noroeste, ao adido dos Estados Unidos na Somália. O diálogo que segue, eivado pela jocosidade do novo parceiro, espelha a insistente vivacidade do tema:

- Aposto com você que esta moça poderia desmontar um Kalashnikov em um minuto – o general se gaba, pondo os óculos de aros dourados no alto da cabeça careca.
- Sim, e poderia aniquilar um batalhão etíope andando de monociclo. Não duvido disso – ri o americano (p. 38).

Em outro trecho, quando da realização de uma missão pelo agrupamento militar do qual Filsan faz parte no campo de refugiados de Saba’ad, lê-se:

Saba’ad fica trinta quilômetros a nordeste de Hargeisa, Maior de cinco campos de refugiados da região nordeste, ele cresceu e se estabeleceu como uma espécie de cidade-satélite e se estende até onde a vista alcança. Vinte mil somalis da região de Ogaden da Etiópia sobrevivem ali, tendo primeiro fugido da luta entre 1977 e 1978 e, depois, das fomes subsequentes em Ogaden (p. 217).

(...)

Olhar para o campo deixa clara a imensa humilhação da Somália na guerra; estas pessoas tem terra, casas e chácaras a apenas alguns quilômetros de distância, mas subsistem ali comendo mingau. A certa altura, em setembro de 1977, noventa por cento de Ogaden estava nas mãos do governo da Somália, e a violência necessária para fazê-los retornar de suas terras

ancestrais foi tão grande que a Somália ainda não se recuperara, e talvez nunca o faça (...) (p.217-218).

Os excertos destacados demonstram claramente que os quase dez anos que separam o conflito somali-etíope do período no qual a narrativa se desenrola não foram suficientes para garantir a recuperação econômica, política e militar da Somália, muito menos os danos e perdas impostos aos cidadãos diretamente afetados e o orgulho de toda a sociedade diante de tão estrondosa derrota. Além disso, a narrativa corrobora a interpretação corrente entre os analistas quanto ao decisivo papel desempenhado pelas potências da Guerra Fria no conflito entre os países vizinho do Chifre da África.

Outro aspecto que merece atenção redobrada para a compreensão do quadro geopolítico instalado na Somália são as diversas passagens da obra que lançam luzes sobre o processo de transição do eixo soviético para a órbita estadunidense. Um exemplo instigante pode ser observado na passagem que descreve os festejos do Vinte e Um de Outubro, data que celebra a ascensão de Siad Barre ao poder: enquanto caças MiG, de fabricação soviética, realizam performances sobre o estádio de Hargeisa, ocorrem fatos que evidenciam o caráter dubio, por vezes contraditório, da mudança de esfera geopolítica pela qual a Somália passou na década de 1970:

Os dignitários estrangeiros descem de seu desfile de carros na hora marcada (...). O adido econômico americano lidera o grupo, seguido pelo embaixador egípcio e por um homem de túnica branca esvoaçante e *keffiyah* (p. 20).

(...)

Os grandes alto-falantes emitem anúncios distorcidos, mas isso não é necessário porque a sequência do desfile já está bem estabelecida. (...). A Guddi vem por último, agitando ramos e carregando imagens de Lênin, Kim Il Jung e Mao, os comunistas que antes forneciam inspiração para a ditadura, mas cujos retratos desbotaram, carregados apenas uma vez por ano como relíquias de igreja. O regime agora busca amigos de qualquer espécie, sejam eles árabes, americanos ou albaneses (p. 22).

Ademais, as impressões de Kawsar acerca do recrudescimento da carestia em Hargeisa revelam outro viés da influência que os Estados Unidos passaram a exercer sobre a Somália:

As lojas estão vazias já que o arroz e a farinha subsidiados desapareceram para permitir ao governo obter mais empréstimos estrangeiros; em vez de milho e sorgos cultivados no país, sacos de donativos da USAID contrabandeados dos campos de refugiados estão à venda no mercado a preços ridículos (p. 134-135).

Organismo que, segundo versão oficial, atua no combate à pobreza extrema, a USAID (*United States Agency for International Development*) materializa a política externa dos

Estados Unidos, realizando suas operações, sob o pretexto da assistência humanitária, com forte interação com a CIA (*Central Intelligence Agency*). O trabalho articulado de ambas as agências foi fundamental para o sucesso da ação geopolítica estadunidense, principalmente em algumas regiões de África, América Latina e Ásia.

Pelo exposto, é possível perceber que a dita mudança de órbita não se deu, sob todos os aspectos, como uma ruptura. Se, por um lado, o epílogo nas relações entre a Somália e União Soviética se deu de modo acelerado e a citação à presença de prepostos do governo dos Estados Unidos em alguns trechos da obra permite inferir que, de fato, houve uma radicalização na política externa somali pró-Occidente, por outra parte, o novo arranjo não parece ter sido absorvido de imediato pelo governo ditatorial, cujas práticas denotam certa lentidão na migração à órbita estadunidense.

### **Considerações finais**

A África, em termos gerais, e os países que a compõem, de modo específico, são pouco conhecidos e mal compreendidos em suas histórias, contribuindo para isso a disseminação, por parte dos meios de comunicação de massa, de informações descontextualizadas e, no mais das vezes, ideologicamente comprometidas. Ademais, a ainda tímida sistematização de iniciativas formativas/educativas nos diversos níveis de ensino faz com que as questões sobre a história e realidades contemporâneas do continente africano e de seus países se tornem uma temática pouco difundida no seio da sociedade brasileira.

No entanto, há que se considerar as possibilidades de reversão desse quadro de desinformação a partir da utilização de meios como o cinema e literatura originários de África com o intuito de debater temas diversos, entre os quais, questões atinentes à geografia continental. No caso em tela, a obra literária intitulada “O pomar das almas perdidas”, de Nadifa Mohamed, é fonte válida para um exame coerente da Somália no período imediatamente anterior à deflagração da Guerra Civil que atingiu o país no início da década de 1990.

Ademais, tal e qual observado por Braga (2016), ao examinar o processo de afirmação de um discurso pós-colonial na literatura africana anglófona, a singela obra escrita por Nadifa Mohamed conduz o seu leitor a uma releitura do passado recente somali a partir de uma visão “de dentro”, valorizando noções espaço-temporais próprias da realidade concreta daquele país, de modo que “espaço, tempo e sujeito encontram-se imbricados por interações complexas, transformando e sendo transformados por elas” (p. 58).

Neste sentido, o texto de “O pomar das almas perdidas” é, por sua fidedignidade ao contexto geográfico-histórico em que a saga das personagens Deqo, Kawsar e Filsan se insere, uma fonte segura para quem deseja ampliar a compreensão sobre os aspectos territoriais e geopolíticos da Somália em um passado recente.

## Referências

- ADEDEJI, Adebayo. Estratégias comparadas da descolonização econômica. In: MAZRUI, Ali A.; WONDJI, Christophe (ed.). **História Geral da África**. Volume VIII: África desde 1935. Brasília: Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, 2010, p. 471-516.
- ALVES, Ida. Em torno da paisagem: Literatura e Geografia em diálogo interdisciplinar. In **Revista da Anpoll**, v. 1, n. 35. Florianópolis, 2013, p. 181-202.
- ARCOS SÁNCHEZ, Alberto Francisco. El terrorismo de Al Shabab en Somalia. In **Revista General de Marina**, Tomo 266. Madrid, 2014, p. 635-648.
- BRAGA, Cláudio. A dimensão espaço-tempo pós-colonial: passados e presentes em movimento no conto africano de língua inglesa. In **Cerrados**, n. 41. Brasília, 2016, p. 49-59.
- CARDOSO, Nilton César Fernandes. **Conflito armado na Somália**: análise das causas da desintegração do país após 1991. Monografia de Conclusão de Curso em Bacharelado em Relações Internacionais. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012.
- CHENNTOUF, Tayeb. O chifre da África e a África setentrional. In: MAZRUI, Ali A.; WONDJI, Christophe (ed.). **História Geral da África**. Volume VIII: África desde 1935. Brasília: Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, 2010, p. 33-66.
- CLAVAL, Paul. **Geografia Cultural**. Florianópolis: Editora da Universidade Federal de Santa Catarina, 1999.
- COHEN, Herman. **Intervening in Africa**. Superpower peacemaking in a troubled continent. Springer: New York, 2000.
- ESCALONA CARRILLO, Norberto Carlos. Somalia. Proceder de los actores internos, regionales e internacionales y su impacto sobre el conflicto en el período. In: ÁLVAREZ ACOSTA, María Elena (Coord.). **África Subsahariana**: sistema capitalista y relaciones internacionales. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2011, p. 339-391.
- FAGUNDES, Maria Clara Marques. **Neo-patrimonialismo sem Estado**: 20 anos de experiências de governo na Somália. Monografia de Conclusão de Curso de Especialização em Relações Internacionais. Brasília: Universidade de Brasília, 2011.
- GENTILI, Anna María. **El leon y el cazador**. História de África Subsahariana. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2012.
- MOHAMED, Nadifa. **O pomar das almas perdidas**. São Paulo: Tordesilhas, 2016.
- OLANDA, Diva Aparecida Machado e ALMEIDA, Maria Geralda de. A Geografia e a Literatura: uma reflexão. In **Geosul**, v. 23, n. 46. Florianópolis, 2008, p. 7-32.
- PINHEIRO, Délio José Ferraz; SILVA, Maria Auxiliadora da. A cidade e seus símbolos. In: PINHEIRO, Délio José Ferraz; SILVA, Maria Auxiliadora da (Org.). **Visões imaginárias da cidade da Bahia**. Um diálogo entre Geografia e Literatura. Salvador: Editora da Universidade Federal do Oeste da Bahia, 2004, p. 21-29.
- STREZELESKI, Renato Lopes. **A Somalilândia e o desenvolvimento autônomo do Estado**: um estudo de caso. Monografia de Conclusão de Curso em Bacharelado em Relações Internacionais. Brasília: Centro Universitário de Brasília, 2015.

THIAM, Iba Der; MULIRA, James. A África e os países socialistas. In: MAZRUI, Ali A.; WONDJI, Christophe (ed.). **História Geral da África**. Volume VIII: África desde 1935. Brasília: Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, 2010, p. 965-1001.

Recebido em 27 de abril de 2018.

Aceito em 28 de maio de 2018.